



A luta contra o fascismo é inseparável da luta pela Democracia e a Paz

Vivemos tempos sombrios, tanto a nível nacional, como internacional.

No nosso país, a vida está a ficar incomportável para as famílias dos que trabalham e dos aposentados, pois os preços dos produtos de primeira necessidade não param de subir e o aumento dos salários e das pensões ou são inexistentes ou não respondem à situação.

A taxa de inflação atingiu, em Julho, o valor de 9,1%, um nível máximo histórico dos últimos 30 anos, segundo o INE, e não se prevê que baixe. Entretanto, os grupos económicos e as multinacionais aproveitando-se da guerra, como aliás já o fizeram com a pandemia, tiveram, no primeiro trimestre de 2022, lucros que atingiram, por exemplo na Banca, um aumento de 80% em relação ao ano passado e nas multinacionais do petróleo, um aumento de 153%.

No que diz respeito ao Serviço Nacional da Saúde, conquista de Abril e que já foi considerado o décimo segundo melhor no Mundo, encontra-se numa situação que exige rápidas medidas. Os próprios médicos, enfermeiros e auxiliares dizem estar confrontados com a impossibilidade de responderem, atempadamente, com qualidade e segurança, às solicitações dos utentes.

As injustas diferenças entre os que se vêem com dificuldade em chegar a um mínimo cabaz de compras alimentar e os lucros escandalosos, geram justa revolta. Revolta que será fundamental enquadrar na luta de massas, no esclarecimento, pois os que constituíram o suporte do fascismo em Portugal continuam

atentos e não desistem de manobrar para um regresso ao passado que não podemos tolerar.

Urge tomar medidas que respondam às necessidades mais prementes da população, pois é nestas situações que o fascismo e a sua ideologia populista podem ganhar terreno, como a História já nos mostrou.

Vivemos também tempos enganosos, em que partidos que gritam contra a pobreza e contra a riqueza, não aprovam na Assembleia da República medidas como, por exemplo, a criação de uma taxa extraordinária para os lucros inesperados das grandes empresas e, simultaneamente, não estão a favor do aumento do salário mínimo e das pensões.

Tempos em que “liberal” e os que defendem o liberalismo apregoam mais liberdade de escolha no ensino, na saúde e em vários aspectos da vida e, na verdade, são os grandes defensores dos seguros de saúde que levam pessoas ao engano, pois os seguros não cobrem grande parte das cirurgias e outros tratamentos, ao mesmo tempo que enchem os bolsos às multinacionais.

Mais liberdade para o patrão poder despedir sem justa causa. Mais liberdade de escolha de uma escola ou de uma universidade. Veja-se o que acontece nos países capitalistas, como os Estados Unidos e outros, onde o estudante fica toda a vida dependente do empréstimo que pediu ao banco para pagar as propinas. Por isso, digo que vivemos tempos enganosos. Tempos em que a política dos defensores de menos Estado e da liberdade de escolha são os “porta-vozes” das grandes empresas e das multinacionais

A par da situação nacional, vivemos a nível internacional tempos de guerra em que, como sempre, quem morre são os inocentes. Por todo o mundo, cresce e desenvolve-se a luta pela Paz e por um mundo livre de armas nucleares. Vem dos mais variados quadrantes, como o Apelo que foi aprovado na Assembleia Geral da Federação Mundial dos Trabalhadores Científicos, em 28 de Julho passado, em Marraquexe, e cujo extracto passo a citar: «(...) A Federação Mundial dos Trabalhadores Científicos apela a um cessar-fogo imediato e ao fim de todos os conflitos que ocorrem actualmente no mundo. É inaceitável que enormes quantias de dinheiro sejam dedicadas à guerra e às armas, enquanto em todo o mundo as necessidades básicas dos povos e da sociedade não são atendidas (...) e apela à imediata aplicação do Tratado de Proibição das Armas Nucleares adoptado em 7 de Julho de 2017».

Também Noam Chomsky, numa entrevista recente, diz uma frase que reflecte bem a preocupação e a análise que faz desta situação: «(...) se imaginar alguns extraterrestres, se eles existissem, eles pensariam que todos nós somos totalmente loucos. E estariam certos».

Entretanto, o Governo português continua a recusar assinar o Tratado de Proibição das Armas Nucleares, apesar da Constituição da República Portuguesa obrigar Portugal a praticar uma política de paz e cooperação.

Sendo a luta contra o fascismo inseparável da luta pela democracia e pela paz, a URAP apela a todos os democratas, a todos os antifascistas, independentemente da sua opção ideológica, partidária ou religiosa que se unam nesta causa comum, para bem dos povos de todo o mundo.

UMA SEDE PARA A URAP

Está lançada uma campanha de fundos para aquisição de uma nova sede para a URAP, com melhores condições de trabalho e afirmação dos valores democráticos e antifascistas. - pág. 5

80 ANOS DE ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA - págs. 6 e 7

CONVÍVIO EM PENICHE A 29 DE OUTUBRO - Pág. 8

Marília Villaverde Cabral

PARA MEMÓRIA FUTURA REGISTADOS DEPOIMENTOS DE EX-PRESOS POLÍTICOS EM CAXIAS

Por iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras e da URAP foram gravadas 43 entrevistas a ex-presos políticos do Forte de Caxias – num trabalho a continuar – para memória futura e para consulta online pelos meios da URAP. Este material destina-se sobretudo a professores e estudantes, a fim de ser utilizado nas actividades lectivas do novo ano escolar.

Segundo José Pedro Soares, coordenador da URAP, que tem acompanhado os trabalhos, as gravações são acompanhadas pela transcrição do respectivo texto. Os entrevistados relatam a sua experiência pessoal durante a prisão e a dura realidade pela qual passaram: a época

da censura, da repressão, do medo, quando foi importante a coragem, empenhamento e exemplo - o período rude e opressivo que terminou com a Revolução do 25 de Abril de 1974. Fica-se assim a saber como tomaram consciência do fascismo, como iniciaram as actividades antifascistas, como foram apanhados pela PIDE, o que aconteceu na cadeia, nos interrogatórios, no tribunal, como e quando saíram da prisão.

Este trabalho, executado com a contribuição dos serviços de Cultura da Câmara Municipal de Oeiras, deverá ser depois adicionado a outras gravações realizadas pelo Museu do Aljube e pelo Museu Nacional Resistência na Fortaleza

de Peniche, envolvendo as experiências dos presos de algumas das mais significativas cadeias do fascismo em Portugal.

A URAP e a Câmara Municipal de Oeiras têm desenvolvido nos últimos anos uma profícua colaboração que permitiu a realização de diversas iniciativas, na sua maioria envolvendo também a Associação 25 de Abril, como a cerimónia de homenagem aos Libertadores e Libertados, realizada em 2018, junto ao Reduto Norte daquela cadeia, e ainda, em Junho de 2020, a inauguração de um Monumento junto à Estação da CP em Caxias.

Maria José Ribeiro e Raúl de Castro HOMENAGEADOS NO PORTO

Maria José Ribeiro, membro do Conselho Nacional da URAP, recebeu, dia 9 de Julho, a Medalha Municipal de Mérito – Grau Ouro, atribuída pela Câmara Municipal do Porto por «se ter notabilizado pelos seus méritos pessoais ou feitos cívicos».

A dirigente e fundadora da URAP foi activista do Movimento Democrático de Mulheres, do MDP/CDE, do Partido Comunista Português, militante desde 1956, e a primeira mulher presidente do Sindicato Nacional de Profissionais de Seguros. Após o 25 de Abril, foi membro da Assembleia Municipal de Matosinhos.



Maria José Ribeiro é um exemplo de cidadã empenhada na luta pelos ideais de liberdade, democracia e socialismo. Foi presa em 1958, 1962 e 1964.

Nascida em Lisboa, em 12 de Janeiro de 1936, ano em que o seu pai, Joaquim Ribeiro, foi preso na sequência da Revolta dos Marinheiros e enviado para o campo de concentração do Tarrafal, Maria José Ribeiro só conheceria o pai aos 16 anos.

Já no Porto, onde passou a viver, integrou a Comissão de Jovens de Apoio à Candidatura de Humberto Delgado, em 1958. Escreveu textos de defesa do respeito das jovens e pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Fez parte da delegação portuguesa ao Congresso Mundial das Mulheres, em Helsínquia, em 1969.

A dirigente da URAP tem feito um notável trabalho em prol da valorização da memória da sede da PIDE no Porto,

actual Museu Militar, na Rua do Heroísmo, visando a sua transformação em museu da resistência.

No mesmo dia, a Câmara Municipal do Porto atribuiu a título póstumo, a Medalha Municipal de Mérito – Grau Ouro ao resistente antifascista Raul de Castro (1921 – 2004), que foi deputado pelo MDP/CDE, ID e Partido Comunista Português à Assembleia da República, e vereador e deputado municipal na Câmara Municipal do Porto.

Advogado, activista político e escritor, deverá ter sido o advogado que defendeu o maior número de antifascistas no Tribunal Plenário. Pertenceu ao MUD, tendo sido preso pela PIDE em 1947.

Participou e apresentou teses ao II Congresso Republicano de Aveiro, em 1969, e ao III Congresso da Oposição Democrática, em 1973.

URAP

URAP

Propriedade e edição da
**UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS
PORTUGUESES**

Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**

PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

AV. JOÃO PAULO II, LOTE 540-2D, LJ 2

1950-157 LISBOA • TELEFONE 213 576 083

DEPOSITO LEGAL: 357338/18

URAP nas escolas E LEVAR A CONSCIÊNCIA CRÍTICA E PARTICIPATIVA

A URAP deseja estar ao lado da escola, dos professores e das famílias, para ajudar a formar melhores cidadãos, mais justos, solidários e empenhados em projectos humanistas que ajudem a fazer um país e um mundo melhores.

Na sua actividade, a URAP procura contribuir para formar pessoas mais esclarecidas, que possam abraçar os valores da igualdade, fraternidade e amizade, combatendo tudo o que reduz o ser humano à submissão, escravidão e dependência.

Devemos lembrar que, derrubadas tantas barreiras sociais, culturais, económicas e políticas que o regime fascista mantinha, a Revolução de Abril foi, e continua a ser, o nosso grande tesouro civilizacional que sobretudo os mais novos devem conhecer, dado que não viveram os tempos do obscurantismo, das guerras coloniais, da falta de liberdade, da censura, das perseguições, das prisões, da tortura, das deportações, da desigualdade, da exploração, do analfabetismo e do atraso.

Nesse sentido, a URAP, ano após ano, sobretudo antes da data que comemora a Revolução dos Cravos, está presente em escolas, autonomamente ou com outras organizações e associações, numa intervenção cívica e cidadã para dar o testemunho do que foi a luta contra o fascismo, o que significou a Revolução do 25 de Abril e a construção do Portugal democrático, visando contribuir para que os jovens conheçam a História recente de Portugal, possam crescer mais livres, tomarem-se melhores seres humanos e cidadãos participativos.



Propostas de acção

Numa carta enviada às direcções de escolas de todo o País, a URAP disponibiliza-se para colaborar nas actividades da escola, nomeadamente nas que tenham em vista a promoção dos valores da liberdade, da igualdade, referências sempre presentes nos sentimentos democráticos e antifascistas e de paz tão necessários nos dias que correm. Destacam-se, designadamente:

- a) «O 25 de Abril nas escolas», através das habituais sessões, encontros, debates nos quais poderão participar com a sua experiência e seus depoimentos ex-presos políticos, mulheres e homens, resistentes da luta antifascista.
- b) «Conversas, On-line», em colaboração com professores e escolas, em diálogo directo com alunos, experiências

vividas de ex-presos, relatos e depoimentos de quem participou e viveu o antes e o depois do 25 de Abril.

c) «Cidadania e participação», através de conversas presenciais ou no contexto de aula e do acesso directo à plataforma de depoimentos que a URAP irá em breve disponibilizar.

d) «Conhecer a Constituição da República Portuguesa», os direitos e garantias que inscreve e os deveres que cabem ao Estado na sua concretização. É fundamental divulgar a dimensão humanista e progressista deste documento.

A memória do passado e o conhecimento das transformações sociais e políticas alcançadas com o 25 de Abril são uma arma para que se possa combater o reaparecimento de velhas ideias fascistas, xenófobas e racistas..

Protocolo com CM da Covilhã

A URAP e a Câmara Municipal da Covilhã assinaram, dia 1 de Julho, um Protocolo de Apoio que prevê a atribuição de uma comparticipação financeira para a persecução das actividades da URAP.

O protocolo, rubricado pelo presidente da Câmara Municipal, Vítor Pereira, e pelo coordenador da URAP, José Pedro Soares, tem como objecto o estudo, recolha e levantamento de todos os ex-presos políticos naturais e residentes, quando da prisão, no Município da Covilhã; a investigação, elaboração e publicação de um livro sobre a memória da resistência ao fascismo no município; a continuidade do projecto editorial do Boletim da URAP; a organização, nas escolas do concelho, de sessões, palestras e exposições, bem como outras iniciativas.

Reunião com o ministro da Cultura

O coordenador da URAP, José Pedro Soares, acompanhado por Marília Villaverde Cabral e Teresa Lopes, dos órgãos directivos, foram recebidos pelo ministro da Cultura, Pedro Adão e Silva, no Palácio da Ajuda, dia 2 de Agosto, a fim de dar continuidade à colaboração e parceria desenvolvida com os anteriores titulares daquela pasta e a Direcção Geral de Cultura. Foram lembrados os projectos que falta concretizar e abordada a participação da URAP na organização das comemorações do 50.º aniversário do 25 de Abril.

Na reunião, solicitada pela URAP, participou ainda Maria Inácia Rezola, comissária executiva da Comissão Comemorativa dos 50 anos 25 de Abril,

LEMBRAR TEMPOS SOMBRIOS, PARA QUE NÃO SE REPITAM

LIVROS DA URAP PERCORREM PAÍS



Setúbal



Pinhal Novo



Lisboa



Costa da Caparica



Porto



Festa do Avante

A URAP prossegue, um pouco por todo o País, a divulgação da sua actividade editorial, destacando-se neste período o último livro, «*Os Presos e as Prisões Políticas em Angra do Heroísmo*», e ainda o anterior, dedicado às mulheres, «*Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo*». As sessões são acompanhadas, na maior parte dos casos, por um momento musical.

«*Os Presos e as Prisões Políticas em Angra do Heroísmo*» contém elementos históricos sobre o período da existência das cadeias açorianas – Fortaleza de S. João Baptista e Forte de S. Sebastião – entre 1933 e 1943, e narra a vida dos 645 presos políticos que lá estiveram encarcerados.

«*Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo*» descreve as organizações femininas existentes à época, as cartas às organizações femininas e democráticas do mundo inteiro, fala das mães que caminharam para as prisões, publica uma crónica de um tempo sombrio e termina com a chegada de Abril, da liberdade, da democracia, do reconhecimento legislativo da igualdade.

Os Presos e as Prisões em Angra do Heroísmo

«*Os Presos e as Prisões em Angra do Heroísmo*» foi apresentado na Festa do Avante! em duas sessões. A **3 de Setembro**, no Pavilhão dos Açores, perante uma assistência de cerca de 40 pessoas, o livro foi apresentado por Carlos Mateus, do Conselho Directivo da URAP, numa sessão dirigida por Marco Varela, membro do Comité Central do PCP e responsável pela

organização regional dos Açores. Participou ainda Margarida Machado, membro do Conselho Nacional.

No **dia 4**, coube a José Pedro Soares apresentar a obra na Festa do Livro daquela iniciativa do PCP. Nessa sessão, dirigida por Joana Gonçalves, dos órgãos dirigentes da URAP, participaram cerca de 70 pessoas. Na véspera, o coordenador da URAP tinha já participado, na Cidade da Juventude (espaço da Juventude Comunista Portuguesa na Festa do Avante!) numa sessão de apresentação de outro livro editado pela URAP, sobre o Movimento da Juventude Trabalhadora: «*MJT e a luta dos jovens trabalhadores - Fios de Memória*». Participaram ainda Dinis Lourenço e João Luís, dirigentes da Interjovem e da JCP, respectivamente.

O livro «*Os presos e as prisões políticas em Angra do Heroísmo*» foi ainda apresentado noutros locais: a **22 de Julho**, Ana Sofia Ferreira, professora catedrática de História Contemporânea da Faculdade de Letras do Porto, e José Pedro Soares, coordenador da URAP, na sede da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. A sessão foi moderada por Maria José Ribeiro, do Conselho Nacional da URAP;

A **16 de Julho**, Álvaro Pato, ex-preso político e do Conselho Fiscal da URAP, foi o orador convidado da Associação Gandaia, na Costa de Caparica, numa sessão dirigida por João Gato;

A **9 de Julho**, pelo médico e ex-preso político Joaquim Judas, numa sessão dirigida por João Espalha, jurista e vogal da Junta de Freguesia de Pinhal Novo, e

contou com a intervenção do presidente, Carlos Almeida.

No mesmo dia, **9 de Julho**, César Roussado, do Conselho Directivo da URAP, em Albufeira, num almoço organizado pelo núcleo da URAP do Barlavento Algarvio, falou sobre o livro numa sessão presidida por Policarpo Guerreiro, na qual interveio também José Viola, do Conselho Nacional da URAP.

A **1 de Julho**, por José Pedro Soares, coordenador da URAP, na Casa da Cultura de Setúbal, numa sessão organizada pelo Núcleo de Setúbal da URAP, com o apoio do Município de Setúbal.

Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo

O livro «*Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo*» foi apresentado:

A **21 de Julho**, José Pedro Soares falou sobre a condição e as muitas lutas nas quais as mulheres participaram na Junta de Freguesia da Misericórdia, em Lisboa. Luísa Rodrigues, do Pelouro da Cultura da Junta, apresentou a sessão.

A **14 de Julho**, José Pedro Soares, coordenador da URAP, apresentou a obra na Feira do Livro de Peniche, que decorreu no Clube Recreativo Penichense e foi organizada pela Associação Juvenil de Peniche. João Neves, do Conselho Nacional da URAP, elencou os vários livros já publicados pela URAP à venda na Feira. Ângela Malheiros, Bibliotecária da Câmara Municipal de Peniche, leu alguns excertos e poemas do livro.

CAMPANHA EM CURSO EXIGE MOBILIZAÇÃO UMA SEDE PARA A URAP

A URAP precisa de uma sede nova. Para que os sócios e amigos possam trabalhar, para que possam reunir-se, para que possam assistir a colóquios, eventos culturais ou artísticos.

Assim, a URAP está a lançar uma campanha de fundos para adquirir o espaço em Lisboa de que necessita. Pelo que apela aos sócios e amigos para uma contribuição especial, integral ou parcelada, visando atingir a verba necessária para a aquisição da sede.

O desenvolvimento da URAP nos últimos anos, com o aumento do número de sócios e o significativo crescimento da sua actividade, com numerosas iniciativas locais e nacionais, algumas das quais realizações de grande impacto, tem-se traduzido no alargamento da sua visibilidade e prestígio junto das comunidades locais e de instituições, e obrigamos, por seu lado, a ter melhores condições de trabalho.

A campanha já está em curso, já chegaram à URAP contributos, mas para a concretização deste objectivo muitos mais serão necessários de todos os sócios e amigos da URAP. Cada uma e cada um tem de se transformar num dinamizador desta campanha que, sabemos, tem um horizonte alargado de concretização.

Todos ao trabalho, com entusiasmo! É preciso prosseguir a luta em prol da defesa da memória histórica da Resistência, da Democracia, do Progresso e do Portugal de Abril. Temos de continuar Abril!

Os depósitos ou transferência bancária devem ser feitos para o seguinte NIB: 0036 0344 9910 0030 46198 (Montepio Geral). O comprovativo deverá ser depois enviado para o endereço de correio electrónico da URAP: geral@urap.pt.

UMA SEDE PARA A

URAP

CAMPANHA DE FUNDOS

IBAN - 0036 0344 9910 0030 46198
(Montepio Geral)

Abril sempre
Memória Resistência e Luta

geral@urap.pt

Adriano canta a esperança revolucionária

Condecorado pelo Estado democrático com a Ordem da Liberdade e como Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, Adriano Correia de Oliveira já teve o reconhecimento de Portugal como resistente antifascista.

Adriano, como ficou para sempre conhecido, nasceu no Porto a 9 de abril de 1942, há 80 anos, e talvez seja acertado (estas coisas são sempre discutíveis) dizer que foi ele o primeiro cantor de intervenção português e que o canto de intervenção em Portugal nasceu com ele e com o Fado de Coimbra.

Quando em 1959 se mudou de Avintes, onde passou a infância e a adolescência, para estudar na universidade coimbrã, Adriano experimentou com outros estudantes tocar um pouco de rock mas apaixonou-se pelo Fado de Coimbra e pela evolução que tentavam imprimir ao género nomes como Edmundo de Bettencourt, António Menano, Machado Soares e Artur Paredes, um guitarrista e compositor importantíssimo para a história da guitarra de Coimbra, que é pai do genial guitarrista e compositor Carlos Paredes.

Por Coimbra andava também a cantar José Afonso, que influenciou Adriano, mas o primeiro a ligar, pelo menos em gravações, o protesto político à música foi Adriano Correia de Oliveira que, entretanto, aderiu ao Partido Comunista Português.

Mário Correia, no livro *Adriano Correia de Oliveira – Vida e Obra*, relata as influências de Edmundo de Bettencourt e José Afonso sobre Adriano e de como este, rapidamente, acaba por se tornar um precursor. Escreve ele o seguinte: «De um e de outro recolheu Adriano as influências suficientes para, com a poesia de Manuel Alegre e a guitarra de António Portugal empunhar a bandeira da canção de resistência com uma coragem que não teve igual aos cantores do seu tempo.»

Envolvido no movimento associativo académico que protestava contra o regime, com muitos espetáculos,



plenários, reuniões, discussões, debates, ações de propaganda, lutas com as facções direitistas dos estudantes, Adriano encontra o ambiente para, citando palavras suas, fazer com que «a arte, seja ela qual for, reflita exatamente aquilo que se está a passar em cada sociedade».

Manuel Alegre, citado por Eduardo M. Raposo em *Cantores de Abril*, explica em «Recordar Adriano Correia de Oliveira» como este ambiente académico criou a canção de protesto, escrevendo o seguinte: «Foi então que se deu o encontro da poesia e da música, do poema e da voz (...) A tensão vivida, a energia nova exigem uma poética nova, uma poética ativa e útil (...) a vontade de mudar criava uma nova ética e precisava de uma nova estética(...) E assim nasceram as trovas.»

A importância das palavras

Entre essas «trovas» esteve *A Trova do Vento que Passa*, uma canção gravada originalmente num pequeno disco em vinilo com quatro canções e que foi editada em 1964 (e não em 1963, como erradamente muitas vezes se lê) e que se transformou num hino da resistência antifascista em Portugal, Seria, depois, gravada por muitos outros artistas.

Numa entrevista publicada em 1972 no n.º 27 da revista *Mundo da Canção*, a propósito do lançamento, há 50 anos, do álbum *Gente de Aqui e De Agora*, Adriano Correia de Oliveira explicou a importância que dava aos poemas: «Interessa-me dar as palavras e dar a música. As duas linguagens devem ter um

papel paralelo, devem estar perfeitamente unidas. A instrumentação deverá ter a função de sublinhar exatamente o que resultar da fusão dessas duas linguagens».

E que palavras é que Adriano Correia de Oliveira queria cantar? Ele também o explica nessa mesma entrevista: «A intenção é a mesma: poemas que tratem de temas que tenham a ver com a nossa realidade social. Que a denunciem.»

Denunciar, para um artista em Portugal em 1972, queria dizer acusar o Estado Novo pelo autoritarismo, pela repressão, pela miséria de largos setores populacionais. Para Adriano Correia de Oliveira, militante comunista desde 1960, quando era mesmo perigoso pertencer a esse partido, a natureza da arte tinha um sentido político, tal como deixou expresso nessa entrevista: «Interessa que a arte, seja qual for, reflita exatamente aquilo que se está a passar em cada sociedade. Senão não é útil e falha substancialmente. Não corresponde à sua função.»

Dar poder ao mundo do trabalho

Adriano acreditava numa revolução liderada pelo proletariado e, depois do 25 de abril, lutou por isso. Podemos encontrar essa visão numa canção de 1975 intitulada *No Vale Escuro*. Essa canção pertence ao álbum *Que Nunca Mais*, que só tem letras do poeta Manuel da Fonseca.

O protagonista de *No Vale Escuro* relata as recordações de um homem nascido pobre, num bairro de lata com esse nome.

Em miúdo ele fugia sistematicamente à escola para brincar e que, quando cresceu, sem formação, foi obrigado pelo pai a entrar como aprendiz numa oficina. Aí, um patrão autoritário, abusador e violento, acabou por provocar duas coisas: um conflito físico grave e um caminho empírico para a consciencialização política do, ainda miúdo, aprendiz de operário.

Essa consciencialização política leva-o a pôr em causa as origens do poder do patrão e, ao mesmo tempo, leva-o a ser mais exigente consigo próprio, na busca do que, de forma simplificada, eu definiria como a procura da «dignidade pessoal».



Essa dignidade será conseguida, em primeiro lugar, no próprio trabalho, na própria profissão, embora já noutra oficina e já com um estatuto superior ao de aprendiz.

Em segundo lugar, essa dignidade será reforçada pelo regresso aos estudos, à manifestação de uma nova ânsia de saber mais, da necessidade de ir em busca de bases teóricas que permitam ao operário desta canção o aprofundamento da consciencialização política que a vida real lhe apontou.

Em terceiro lugar essa dignidade será complementada pela relação com a namorada e com os amigos mais próximos, companheiros de destino e de luta – sendo essa busca, portanto, um processo coletivo.

Nesta canção de Adriano Correia de Oliveira o trabalho operário que se descreve começa por ser infantil, ou quase infantil e tem o ambiente da pequena oficina de manufatura. Mas ao chegar a adulto o operário tenta construir o seu próprio futuro e procura juntar forças – as suas, as da sua experiência, as do saber que procura acumular, as dos amigos e, até, a da sua relação amorosa – para iniciar um processo de transformação do mundo do trabalho em que a relação de poder com o patronato seja mais equilibrada – está, portanto, a pensar numa revolução social.

A canção do operário de Adriano Correia de Oliveira e de Manuel da Fonseca é, como tantas outras músicas do cantor, uma canção de esperança.

E é essa esperança que, 80 anos depois, o legado de Adriano Correia de Oliveira nos deixa.

Pedro Tadeu

Jornalista

Letra de “Trova do Vento Que Passa”

*Pergunto ao vento que passa
Notícias do meu país
E o vento cala a desgraça
O vento nada me diz.
Mas há sempre uma candeia
Dentro da própria desgraça
Há sempre alguém que semeia
Canções no vento que passa.
Mesmo na noite mais triste
Em tempo de servidão
Há sempre alguém que resiste
Há sempre alguém que diz não.*

Letra de “No Vale Escuro”

*Nasci no vale escuro brinquei entre latas
Pulei ao alão andei à pedrada
Escorreguei no muro, caí no jará
Ganhei ao pião a jogar à bola.
Perdi a sacola mais o que trazia
A fugir ao guarda que nos perseguia
Mas que bem sabia faltarmos à escola
Mas que bem sabia faltarmos à escola.
Já rapaz crescido sequer fui ouvido
Já rapaz crescido sequer fui ouvido
Só meu pai o quis e entrei p’ra aprendiz
Só meu pai o quis e entrei p’ra aprendiz.
Para uma oficina minha negra sina
Ofício gritado estalo safanão
Era um pau mandado nas mãos do patrão,
Era um pau mandado nas mãos do patrão.
Lembrança dos jogos que tanto gostava
Deu-me p’ra pensar que jogo era aquele
Que jogo era aquele que só um jogava,
Que jogo era aquele que só um jogava.
E no outro dia logo que o patrão
Levantou a mão para a bofetada
Peguei no martelo entrei na jogada,
Peguei no martelo entrei na jogada.
Mudei de oficina subi de aprendiz
Dobrei uma esquina minha vida fiz
Na escola nocturna meti-me a estudar,
Na escola nocturna meti-me a estudar.
Tenho namorada vamos namorar
Tenho amigos certos trabalhamos lutamos
Pelas coisas da vida que queremos viver,
Pelas coisas da vida que queremos viver.*

Participa!

O VI Encontro promovido por ex-presos políticos, familiares, democratas e amigos, organizado pela URAP com a colaboração do Museu Nacional Resistência e Liberdade, decorrerá dia 29 de Outubro na Fortaleza de Peniche.

O convívio assinalará também a passagem dos 60 anos da proibição pelo regime fascista do poema *Por teu livre pensamento*, conhecido por *Fado Abandono* ou *Fado de Peniche*.

Em 2016, o Forte de Peniche encheu-se de democratas e antifascistas para exigir a reversão da decisão governamental de entrega daquele local a privados para fins hoteleiros, o que contribuiu para a criação do Museu Nacional Resistência e Liberdade

Esse protesto levou a Assembleia da República e o Governo a reconhecerem a importância da Fortaleza de Peniche, onde funcionou entre 1934 e 1974 uma das mais sinistras cadeias do fascismo, enquanto espaço de resistência, memória e luta.

O convívio visa saudar a criação do Museu Nacional Resistência e Liberdade,

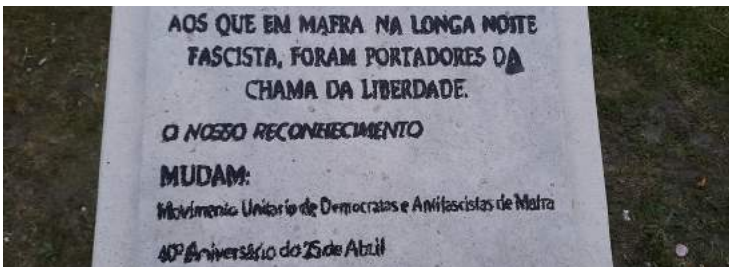


VI Encontro em Peniche a 29 de Outubro

a realização das obras, a elaboração do projecto museológico, a inauguração da primeira fase e a continuação dos trabalhos que levarão à sua rápida conclusão e à inauguração final, como um dos momentos altos das comemorações do 50.º aniversário do 25 de Abril.

A participação no VI Encontro é uma forma de homenagear todos os democratas que o fascismo encarcerou na Fortaleza de Peniche e que passaram parte de suas vidas resistindo e lutando por um Portugal livre e democrático.

Homenagem aos antifascistas de Mafra



O núcleo da URAP de Mafra vai homenagear os presos políticos e resistentes antifascistas naturais e/ou residentes no concelho de Mafra, entre 1926 e 1974, no próximo dia **8 de Outubro às 15h00 no Auditório Municipal Beatriz Costa**.

A sessão será moderada pelo ex-presos político Eugénio da Costa Ruivo, e conta com a intervenção do historiador Luís Farinha, ex-director do Museu do Aljube, Resistência e Liberdade e investigador, que abordará o contexto político em que ocorreram as cerca de 180 prisões verificadas naquele período.

Com a participação de José Pedro Soares, coordenador da URAP, usarão da palavra igualmente os ex-presos políticos e antifascistas José Alberto Franco, André Caracol Teixeira, Mário Almeida Borges, Francisco Fernandes, Samuel Lopes Quedas e Margarida Vicente da Silva.

Congresso de Aveiro



A URAP, a nível central, e o Núcleo de Aveiro vão celebrar em Abril de 2023 os 50 anos do III Congresso da Oposição Democrática. Apelando aos associados e amigos que colaborem na recolha de informações, registos, depoimentos e documentos que permitam a edição de um documento evocativo daquela importante iniciativa.

A par deste documento, a URAP vai comemorar em acto público, nos primeiros dias de Abril do próximo ano, a realização do congresso, que decorreu em Aveiro de 4 a 8 de Abril de 1973.

Os materiais podem ser enviados por correio, para o e-mail geral@urap.pt, ou entregues na sede da URAP, Rua da Beneficência, 239-A, 1600-019 Lisboa.

WWW.URAP.PT

www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses